

O Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR).

Um trabalho necessário para atualizar informações lingüísticas sobre o guarani e o espanhol do Paraguai¹

Harald Thun & Almidio Aquino
Tradução: Cléo Vilson Altenhofen²

1. INSTITUIÇÕES ORGANIZADORAS

O *Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR)* está sendo elaborado no âmbito de um projeto comum das universidades de Kiel e de Münster, Alemanha, e do Instituto de Lingüística Guaraní del Paraguay (IDELGUAP), sob a coordenação dos Professores Dr. Harald Thun e Dr. Wolf Dietrich, Diretores dos Institutos de Filologia Românica das universidades mencionadas, e do Prof. Lic. Almidio Aquino, Diretor do IDELGUAP e atualmente docente na Universidade de Kiel.

2. OBJETIVO E METODOLOGIA

O ALGR tem por objetivo registrar a variação lingüística nas regiões que correspondem à histórica zona guaraníca do Rio da Prata, isto é, a maior parte do Paraguai atual e as regiões limítrofes do Brasil e da Argentina.

A variação é enfocada a partir do guarani e inclui, idealmente, toda a série de variedades originadas do contato desta língua com o espanhol e o português. De modo concreto, elegeu-se como ponto de partida um guarani tribal dessa zona, virtualmente puro, que é o Guarani-Mbya. O ponto de chegada serão as variedades também virtualmente puras do espanhol rio-platense (forma não-marcada e comum a Paraguai, Argentina e Uruguai) e do português do sul do Brasil.

No espaço lingüístico intermediário, encontramos variedades mais ou menos estáveis como o **jopara** e o **jehe'a**. Contrariamente a uma opinião bastante difundida, prevemos a possibilidade de variação em todas as dimensões a seguir:

- **diatópica** (quer dizer, no espaço, e isso tanto no guarani tribal como em todas as demais variedades);
- **diastrática** (variação vinculada com a estruturação sociocultural dos grupos em questão);

¹ Texto original, traduzido a partir de um manuscrito em espanhol.

² Instituto de Letras – UFRGS.

- **diageracional** (variação que se deve à coexistência de grupos de idades diferentes);
- **diassexual** (variação que reflete na língua, ou seja, culturalmente, a diferença biológica e social entre homens e mulheres);
- **diafásica** (variação muito complexa denominada também *estilística* e *pragmática*, a qual depende de fatores como “interlocutor”, “tema”, “intenção”, “situação”, etc.).

Para a coleta de material lingüístico, são aplicadas técnicas específicas já postas à prova em outros projetos lingüísticos, sobretudo no *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)*, coordenado por Harald Thun e Adolfo Elizaincín.

São utilizados dois questionários bilíngües: para a zona de contato guarani-hispânico, o *Poranduty Avañe'ẽ ha Karaiñe'ẽme / Cuestionario Guaraní-Castellano* (Mogúncia 1992 [1ª edição], Kiel 1995 [2ª edição, 1997 [3ª edição melhorada]], e para a zona de contato guarani-português, o *Poranduty Avañe'ẽ ha Brasil ñe'ẽme / Questionário Guaraní-Português* (Kiel 1997).

Os dois questionários, contendo cada um cerca de quatrocentas perguntas, apresentam uma estrutura analógica que facilitará a comparação posterior entre os contatos na parte hispânica e luso-brasileira da zona guaranítica.

As perguntas referem-se à fonética, ao léxico, à gramática e à etnografia. Para cada seção e cada pergunta do questionário, busca-se encontrar a técnica mais apropriada de levantamento. Desta maneira, não se formulam somente perguntas indiretas (por exemplo *Mba'ẽichapa avei ikatu ja'e tova?*), mas também se aplicam outros métodos, como:

- **tradução** (do espanhol ou do português para o guarani e vice-versa);
- **visualização** (apresentação de lâminas, por exemplo para as cores);
- **escolha múltipla** (por exemplo, a) “*El señor largó de su perro*”, b) “*El señor largó su perro*”);
- **completar estruturas lingüísticas** (por exemplo, “*Ñande po rehe oĩ ñane ...*” [kuã]);
- **leitura** (da “parábola do filho pródigo”, em castelhano ou português e em guarani);
- **estímulos temáticos** (por exemplo, *Luisõ mombe'upy*).

O objetivo concreto desses questionários bilíngües é, precisamente, proporcionar material para a realização dos mapas lingüísticos (vejam-se os exemplos apresentados ao final), mas não só para isso, também para textos didático-lingüísticos. Por sua natureza, este trabalho poderia acompanhar aos atuais e futuros projetos de educação bilíngüe.

Todos os dados são obtidos por entrevistas diretas realizadas em um ambiente familiar dos informantes (no local, na escola da localidade, etc.). Todas

as entrevistas são gravadas em fitas magnetofônicas. Além disso, são feitas filmagens e fotografias.

3. REDE DE PONTOS DE INQUÉRITO

Para os diferentes países que se localizam na histórica zona guaranítica e que hoje fazem parte do MERCOSUL, selecionaram-se aproximadamente cinquenta localidades como pontos de inquérito:

- PARAGUAI: um mínimo de 22 pontos, entre paraguaios e guarani-mbya.
- ARGENTINA: um mínimo de 15 pontos nas zonas de fronteira com o Paraguai, entre argentinos falantes de guarani e grupos guarani-mbya.
- BRASIL: um mínimo de 15 pontos, entre grupos guarani-mbya e, se os houver, brasileiros falantes de guarani.

Talvez se coloque a pergunta “E o Uruguai?” Como se sabe, o antigo *habitat* guarani compreendeu, pelo menos, o nordeste deste país. No entanto, não existe, hoje em dia, uma população uruguaia ou aborígine de fala guarani.

As tentativas feitas no século passado de estabelecer, no Uruguai, os indígenas emigrados das antigas Missões rio-grandenses fracassaram. E, nos dias atuais, os pequenos grupos de guaranis que entram, de vez em quando, no território da Banda Oriental tampouco encontram condições favoráveis para assentamentos duradouros.

4. ESTADO ATUAL DA PESQUISA

Devido às obrigações docentes dos organizadores do ALGR, as entrevistas só se realizam por etapas que correspondem aos períodos de férias acadêmicas. Até o corrente ano, concluíram-se os seguintes levantamentos de dados:

- em 1992, nos departamentos de Guairá e Central e nas províncias argentinas de Corrientes e Misiones (Wolf Dietrich, Harald Thun, Mario Bogado).
- em 1995 (março), nos departamentos de Presidente Hayes, San Pedro, Guairá e Central (M. Bogado e Almidio Aquino).
- em 1995 (agosto), nos departamentos de Cordillera, Boquerón, Alto Paraguay e San Pedro (H. Thun e A. Aquino). Nas províncias argentinas de Misiones e Corrientes (W. Dietrich e M. Bogado).
- em 1996 (setembro), nos departamentos de Itapúa, Central, Ñe'ẽmbuku, Misiones (A. Aquino e H. Thun) e na zona fronteira de Corrientes/R.A. (M. Bogado e W. Dietrich).

Para o ano de 1997, estão previstas entrevistas na Argentina, no Brasil e no oeste do Paraguai.

Os dados obtidos, até o momento, estão sendo catalogados e arquivados nas universidades de Kiel e de Münster. Uma cópia integral irá para o IDELGUAP, em Assunção. Parte do material já foi objeto de conferências e estudos publicados ou próximos de uma publicação.

5. PRIMEIROS RESULTADOS

Apresentamos a seguir dois exemplos dos primeiros resultados.

5.1. A atitude dos falantes em relação ao guarani

Para medir as opiniões dos paraguaios sobre o guarani, incorporou-se, na parte estatística do questionário, uma série de perguntas metalingüísticas em guarani e castelhano:

<i>Mba'éichapa héra ne ñe'ê?</i>	= ¿Cómo se llama la lengua que habla?
<i>Máva ndivépa reñe'ê? Araka'épa? Moõpa?</i>	= ¿Com quién la habla? ¿Cuándo? ¿Dónde?
<i>Mba'eichahápepa?</i>	= ¿Sobre qué asuntos?
<i>Reñe'êkuaápa avei ambue ñe'ême?</i>	= ¿Qué otra(s) lengua(s) habla o conoce?
<i>Máva ndivépa reñe'ê? Araka'épa? Mamópa?</i>	= ¿Com quién la(s) habla? ¿Cuándo? ¿Dónde?
<i>Mba'eichahápepa?</i>	= ¿Sobre qué asuntos?
<i>Araka'épa reñepyrũ ypyva'ekue reñe'ê</i> a) karaiñe'ême, b) guaraníme?	= ¿Cuándo comenzó a hablar a) en castellano, b) en guaraní?
<i>Retívapa reñe'ê haña guaraníme?</i>	= ¿Há tenido/tiene vergüenza de hablar guaraní?
<i>Ndéverõ ñuarã mba'éichapa reñe'ê karaiñe'ême?</i> a) michĩmi/as'i, b) porã, c) porãiterei, d) vai/vai vai, e) vai porã	= ¿Cómo habla Ud. el castellano? a) muy poco/poco, b) bien, c) muy bien, d) mal/mas mal que bien, e) regular
<i>Mba'éichapa reñe'ê guaraníme?</i> a) michĩmi/as'i, b) porã, c) porãiterei, d) vai/vai vai, e) vai porã	= ¿Cómo habla Ud. el guaraní? a) muy poco/poco, b) bien, c) muy bien, d) mal/mas mal que bien, e) regular
<i>Oñembo'épa avei guarani ko'ápe?</i>	= ¿Se enseña el guaraní acá?
<i>Mba'épa nde ere? Iporã upéva?</i>	= ¿Qué opina sobre ésto? ¿Le parece bien?
<i>Oñeñe'ê porãpa karaiñe'ême?</i>	= ¿Se habla bien aquí el español?
<i>Oñeñe'êpa ápe guaraniete térã mba'e?</i> a) mezcla, b) jopara, c) jehe'a	= ¿Se habla el guaraní puro o a) mezcla, b) jopara, c) jehe'a
<i>Népa ere umi correntino/misionero oñe'êha</i> <i>Paraguái oñe'êháicha?</i>	= ¿Piensa Ud., que los correntinos/los de Misiones hablan como los paraguayos?

Por muito tempo, afirmou-se, sem fundamento científico, que o guarani era praticamente uma língua morta e que seus poucos usuários talvez o desprezassem ou reprimissem, negando-lhe o direito de elevar-se ao nível de língua escrita.

Os primeiros dados obtidos dos diferentes informantes dos distintos níveis socioculturais (Ca e Cb) e grupos geracionais (GI e GII) apontam resultados que demonstram que os paraguaios, de forma espontânea, manifestam uma atitude aberta favorável ao uso do guarani e, em especial, ao ensino do guarani puro, sem mistura, ou seja do "guaraniete". E mais, os testemunhos da classe sociocultural baixa (Cb) ressaltam a importância do ensino de guarani, para falá-lo corretamente, evitar a mistura desnecessária, recuperar vocábulos substituídos por hispanismos e aceitar os neologismos de boa estirpe guaranítica.

Chama a atenção o fato de que alguns informantes se lamentam por possuírem um guarani misturado ou **jopara**. Se notava neles incômodos com sua competência lingüística. Contudo, no caso de falarem dois ou mais idiomas, davam preferência ao guarani. Comentamos brevemente dois exemplos:

- Departamento de San Pedro: Nesta região, está assentada a Colônia Nueva Germania, onde se pôde recolher dados dos descendentes de colonos alemães que continuam falando o alemão e, certamente, o castelhano e o guarani. É curioso que os mesmos alemães preferem o guarani. Estes declaravam que, no caso hipotético de ter de renunciar a duas de suas três línguas, ficariam com o guarani. Desta localidade temos, fora do nosso programa geracional, gravações de crianças falantes destes três idiomas. O plurilingüismo não é exclusivo da classe sociocultural alta.
- Departamento de Misiones: Em S. Ignacio, se pôde comprovar que as crianças que estão aprendendo a ler e escrever em guarani (dentro do recente "Plan de Educación Bilingüe" do Ministério de Educação e Cultura) se sentem seguros e desejosos de compartilhar seus conhecimentos da língua. É assim que as crianças se ofereceram para ler e cantar em guarani, logo ao início de uma entrevista, e terminada a formalidade do caso, se expressavam com muita fluidez, alternando o código lingüístico com facilidade e naturalidade. Nas quatro fotos que selecionamos a seguir (v. anexo), entre tantas que foram tiradas no momento das leituras, nota-se a seriedade com que nossos informantes se lançaram à sua tarefa.

A **foto nº. 4** dá uma idéia do assombro que provocou a leitura correta por uma dessas crianças no irmão mais velho que não teve a oportunidade de beneficiar-se do Plano de Educação Bilingüe.

Em geral, os informantes dedicaram-se com amabilidade e interesse à leitura. A todas as gerações parecia necessário que também escrevessem textos em guarani. Se aos adultos a leitura custava mais esforço que à criança da foto nº. 4, a causa não está na suposta dificuldade da grafia oficial, mas no simples fato de que essas gerações já haviam deixado a escola antes de se implantar a alfabetização em guarani.

Com os dados do ALGR, já em laboratório, pode-se notar a **nova atitude** dos paraguaios para com o ensino do guarani, uma língua que está rejuvenescendo.

Há uma geração jovem que está tomando consciência do valor cultural e lingüístico de seus dois idiomas.

5.2. Exemplo de mapas lingüísticos

Os três mapas apresentados a seguir devem ser considerados como meros esboços baseados no material coletado até agora.

São mapas **ponto-simbólicos**. Os símbolos são explicados na legenda. Em cada ponto de inquérito, inscrevemos uma cruz com os quatro cantos representando os quatro grupos entrevistados na localidade. Acima da linha horizontal, encontram-se os dois grupos socioculturalmente altos; abaixo, os de nível sociocultural baixo. À esquerda da linha vertical, está a geração dos velhos, à direita a geração dos jovens:

CaGII	CaGI
CbGII	CbGI

CaGII significa, portanto, que se trata de grupos de informantes de classe sociocultural alta e da geração “dos velhos”, etc.

As posições vazias refletem a ausência de um grupo na respectiva localidade, ou o fato de ainda não ter sido levantado até agora. Os dois primeiros mapas se completam.

O **mapa n.º 1** evidencia que quatro palavras competem no guarani atual, para o sentido de “cunhada da mulher”. A forma guaranieta *uke'i* já é minoritária. Somente sete grupos (três de CaGII, três de CbGII, um de CaGI e nenhum de CbGI) a usam exclusivamente. Os Mbya de Itapúa empregam sua forma tradicional *ke'i*. Três grupos usam *uke'i* ou *tovaja* (dois de CaGII, um de CaGI). A grande maioria dos falantes alargou, sob a influência do hispanismo *cuñado/cuñada*, o uso de *tovaja* “cunhado, cunhada do homem” a “cunhada (e cunhado) da mulher”. São, ao todo, 24 grupos (cinco de CaGII, cinco de CaGI, sete de CbGII, sete de CbGI), aos quais se agregam os Mbya de Misiones (Argentina).

Tovaja é um hispanismo de sentido e um guaranismo de forma. Sete grupos (um grupo de CaGII e dois de cada CaGI, CbGII e CbGI) vão todavia mais longe: usam exclusivamente *cuñada*, hispanismo de forma e de conteúdo.

O **mapa n.º 2** representa o conhecimento (uso ativo ou conhecimento passivo) de *uke'i* e *tovaja*. Todos conhecem, evidentemente, *cuñada*. Como é de esperar neste fenômeno de mudança lingüística, o conhecimento da palavra do guaranieta ultrapassa o seu uso. Muitos informantes comentaram que *uke'i* pertence ao uso dos “ymavegua” ou dos da “campanha”.

Observa-se uma ligeira superioridade de conhecimento no norte do país. O declínio de *uke'i*, tanto no uso como no conhecimento, se manifesta geracionalmente pela sua diminuição entre os jovens.

Destes dois mapas, não se pode e não se deve deduzir uma avaliação geral da situação do guarani atual. Contudo, o caso de “cunhada da mulher” ilustra as conseqüências típicas do contato. Forma-se uma escala em cujo topo se encontra a reprovação à influência espanhola por meio da conservação da palavra do guaranieta (*uke'i*), ao centro encontra-se o caso da influência semântica do espanhol (*tovaja*) e, no extremo inferior, aparece a adoção total do hispanismo (*cuñada*). Entre estes graus distinguem-se ainda outros, constituídos pelo uso de variantes (por exemplo *uke'i* e *tovaja*, *tovaja* e *cuñada*).

Por fim, o **mapa n.º 3** ilustra um caso que se pode considerar oposto ao da pergunta 74 (*la cuñada*). Se perguntou através de desenhos e gestos pelas palavras que significam “bigode”. É de se supor, pela conhecida escassez ou mesmo falta de pêlos no rosto do indígena, que o guarani teve que recorrer a um termo novo quando apareceram os primeiros europeus portando bigode. E, de fato, a história das palavras para designar o bigode é a história de várias tentativas de preencher um vazio no vocabulário. A história de *uke'i*, pelo contrário, evidencia o desaparecimento paulatino de uma palavra autóctone. Gostaríamos, além disso, de dar um exemplo de como se pode completar e até mesmo corrigir, através dos dados que proporciona um mapa lingüístico, a informação que dão os dicionários.

Primeiro, apresentamos em um esquema sinóptico, a cronologia lexicográfica das palavras que significam “bigode” (v. **esquema n.º 1**). O estudante de guarani desejoso de aprender o equivalente de *bigote* não encontrará em nenhum dos dicionários citados (cf. a linha 2 do esquema) a resposta que nos deu a totalidade dos informantes: em guarani, também se usa *bigote*, com numerosas variantes fonéticas [vi'gote], [βi'gote], [mbi'gote], [mvi'gote], [vi'vote], [vi'bote]. Chama a atenção que M. A. MORÍNIGO não registra esta palavra em sua abundante lista dos hispanismos no guarani.

Quais são as demais palavras que os dicionários consultados assinalam? Desde MONTAYA (1639) até GUASCH & ORTÍZ (1992) e DE GUARANIA (1997) se indica *ambota* como equivalente de *bigote*. Nenhum de nossos informantes menciona *ambota*. Este fato confirma a hipótese de que se trata de um arcaísmo praticamente fora de uso. Seguindo a análise do nosso esquema, vemos que *bigote* é um grande desconhecido em todos os dicionários (cf. linha 2). Constatamos, na continuação, que PERALTA & OSUNA assinalam *juru'ava* “bigode” (cf. linha 3 do esquema) com a correta explicação “arcaísmo”. Do dicionário mbya-guarani de L. CADOGAN e de nossas entrevistas com os respectivos informantes aprendemos que, nesta parcialidade, *jurua* se refere à pessoa que possui bigode e que esta peculiaridade classifica o respectivo indivíduo como sendo estrangeiro ou paraguaio, ou seja como não-indígena. De acordo com os dados de nosso Atlas,

jurua/a/*jurua* não se usa no guarani paraguaio para *bigode*. A palavra *temberague* ou *tembe rague* (cf. linha 4) é a que mais possibilidades tem, segundo parece, de substituir o hispanismo *bigote*. A cronologia lexicográfica lhe atribui uma posição bastante forte nos tempos atuais. Encontramos a palavra pela primeira vez no conhecido dicionário de GUASCH & ORTÍZ, porém somente na parte castelhano-guarani. Na parte guarani-castelhano se menciona apenas *ambota*. É de se supor que *temberague* seja um neologismo criado pelo Padre GUASCH ou de algum de seus informantes. ACOSTA & CANESE registram *tembe rague* (e também *tembe raviju*) na nova edição (1997) de seu dicionário, e o mesmo faz DE GUARANIA. Veremos depois, em nosso mapa 3, como se apresenta o conhecimento de *temberague* entre os falantes do Paraguai atual. A palavra *tembeta* (cf. linha 5) se interpreta somente na copiosa enciclopédia do doutor GATTI com um sentido que se aproxima ao de bigode. Por fim, a palavra *tendyva* (linha 6) merece uma menção especial. Somente BOTTIGNOLI lhe atribui explicitamente o significado de “bigode” ao lado do de “barba”. Esta interpretação foi confirmada com nossos informantes guarájo e ñandéva no Chaco, os quais assimilavam o bigode à barba respondendo em ambos os casos *tendyva*.

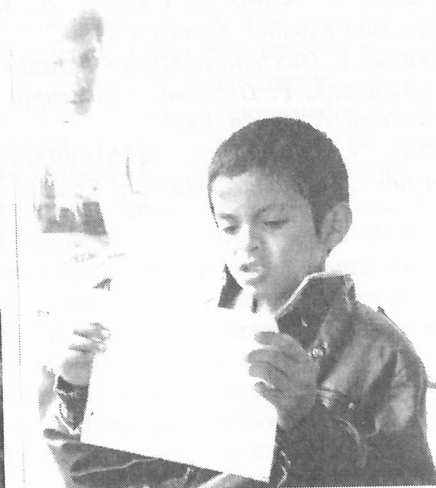
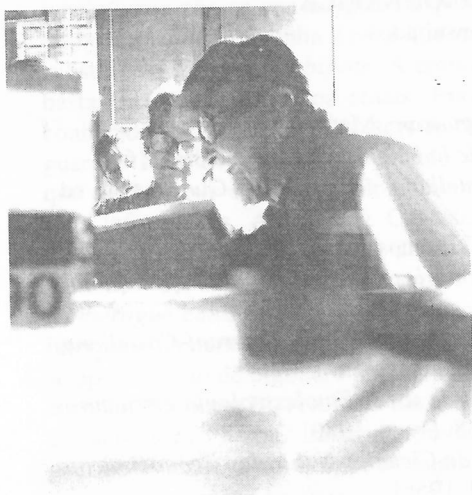
Passamos agora ao nosso mapa 3, cujo tema é o conhecimento de *temberague*. A palavra ocorreu raras vezes de maneira espontânea: somente os três grupos B CbGI, Ñ CaGI e I CaGII responderam diretamente *temberague*, sendo também para eles a palavra *bigote* a mais usual. O conhecimento passivo de *temberague* deu resultados bastante bons. 24 dos 47 grupos entrevistados aceitaram a palavra como “conhecida”, quando sugerida a eles, e cinco grupos não conheceram a palavra, mas declararam que a entenderiam se a ouvissem. Evidentemente, *temberague* é palavra transparente, bem formada segundo as regras do sistema do guarani, mas não enraizada na norma da língua, ou seja no uso coletivo. Para doze grupos, *temberague* era palavra completamente desconhecida; entre eles se encontram todos os indígenas. Os dados atuais não permitem delinear uma arealidade desse conhecimento. No que diz respeito às gerações, os resultados indicam um melhor conhecimento entre os velhos do que entre os jovens. Isso caracteriza *temberague* como palavra de conhecimento todavia não progressivo na totalidade dos falantes. Essa impressão se confirma pela melhor representação de *temberague* na classe alta que na classe baixa (dimensão diastrática).

Não cabe a nós, aos autores do Atlas, julgar a maneira de falar dos informantes. Nossa tarefa se limita a registrar o que se diz. Corresponderá ao espírito científico dos educadores e dos responsáveis pela política lingüística aproveitar os dados que lhes proporciona o ALGR. A eles caberá decidir se é aconselhável reforçar, através do ensino, o uso de palavras como *uke'i* ou de substituir hispanismos como *bigote* por *temberague*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Dicionários Consultados -

- MONTOYA, A. Ruíz de. *Tesoro de la lengua guarani*. Madrid, 1639.
 MONTOYA, A. Ruíz de. *Arte y Vocabulario de la lengua guarani*. Madrid, 1640.
 BOTTIGNOLI, P. J. *Diccionario Guaraní-Castellano y Castellano-Guaraní*. 1. ed. Asunción/Paraguay, 1925.
 MORÍNIGO, M. A. *Hispanismos en el guaraní*. Buenos Aires, 1931.
 PERALTA, A. Jover & OSUNA, T. *Diccionario Guaraní-Español y Español-Guaraní*. 1. ed. Buenos Aires, 1950.
 GUASCH, A. & ORTÍZ, D. *Diccionario Castellano-Guaraní, Guaraní-Castellano, sintáctico - fraseológico - ideológico*. 8. ed. Asunción, 1992.
 DE WELTI, J. Armatto. *Diccionario Guaraní de usos. Etnolexicología estructural del guaraní yopará*. 2. ed. Corrientes, 1988. [1. ed. 1980]
 GATTI, C. *Enciclopedia Guaraní-Castellano de Ciencias Naturales y conocimiento paraguayos*. 2. ed. Asunción, 1985. [1. ed. 1956]
 SAMPAIO, M. A. *Vocabulário Guarani-Português*. Porto Alegre, 1986.
 ALCARAZ, F. Acosta & CANESE, N. Krivoshein de. *Ñe'ëryru. Diccionario Guaraní-Español*. Asunción, 1990.
 CADOGAN, L. *Diccionario Mbya-Guaraní-Castellano*. Asunción, 1992.
 DE GUARANIA, F. *Diccionario Guaraní ilustrado. Guaraní-Español, Español-Guaraní*. Asunción, 1997.
 CANESE, N. Krivoshein de & ALCARAZ, F. Acosta. 2. ed. *Ñe'ëryru avañe'ë - avañe'ë. Diccionario Guaraní-Español*. Asunción, 1997.



Cronología lexicográfica de la palabras significando "bigote"

	MONTOYA 1639/1640	BOTTIGNOLI 1925	GUASCH 1992 (1944)	PERALTA & OSUNA 1950	GATTI 1956	ARMATTO DE WELTI 1980	SAMPAIO 1986	ACOSTA & CANESE 1990	CADOGAN 1992	CANESE & ACOSTA 1997	DE GUARANIA 1997
1. <i>ambota</i>	"mostacho"	en la parte esp. s. v. <i>bigote</i> (no en la parte guar.)	"mostacho (M.), <i>bigote</i> (temberague)"	"bigote"	1. "bigote 2. mandíbula, quijada" (cita a MONTOYA)	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	"bigote" (con dibujo)
2. <i>bigote</i>	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
3. <i>jurra'a</i>	Ø	Ø	Ø	<i>jurra'ma</i> "bigote" (arc.)	"boquiaberto"	Ø	Ø	Ø	<i>jurra</i> "bigotudo; extranjero, paraguayo"; a "pelo"	Ø	Ø
4. <i>temberague</i>	Ø	Ø	s. v. <i>bigote</i> <i>temberague</i> (no en la parte guar.)	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	s. v. <i>bigote</i> <i>tembe rague</i> (no en la parte guar.)	s. v. <i>bigote</i> <i>tembe rague</i> (no en la parte guar.)
5. <i>tembeta</i>	["barbote"]	Ø	Ø	Ø	"barba, pelo que hace en la cara"	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø	Ø
6. <i>tendiva</i>	<i>tendibá</i> "barba, mentum" <i>tendibacá</i> "barba, los pelos"	"barba, bigote"	Ø	Ø	Ø	Ø	"barba, queixo, mento"	"barba, pelo de la barba"	Ø	"barba, pelo de la cara"	"pelo de la barba"

Esquema N° 1

"Ø" significa "ausencia de la palabra o del sentido 'bigote'"

